3º CONCEN
O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais
Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém

AS TRANSFORMAÇÕES DO ARRAIAL DO CÍRIO DE NAZARÉ: NOVAS PRÁTICAS DE LAZER VISANDO O TURÍSMO RELIGIOSO

Lucília da Silva Matos[1]

Licenciada Plena em Educação Física (UEPA), Mestre em Antropologia Social (UFPA) e Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP). Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). *Grupo de Trabalho Lazer e Recreação.*

RESUMO: Este artigo foi organizado a partir de um dos capítulos da tese da autora intitulada Belém em Festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. Tem como principal objetivo analisar alguns processos de transformações ocorridos no arraial de Nazaré com destaque para as ocorrências a partir da década de 1980, quando há um gradativo esvaziamento do sentido de arraial pela refuncionalização de um lugar público transformando-o em praça "sacralizada" e da transferência das atividades lúdicas públicas para espaço pertencente à igreja que mais recentemente sofreu novas intervenções tendo o turismo religioso como um dos principais objetivos.

PALAVRAS CHAVE: Círio de Nazaré, arraial, lazer, turismo religioso.

Introdução

O arraial de Nazaré em Belém do Pará é um lugar de grande força criativa gerada pela intensa sociabilidade a partir das diversificadas práticas de lazer nele vivenciadas durante a quinzena festiva do Círio de Nazaré. O Círio é uma manifestação cultural abrangente que acontece de forma institucionalizada desde 1793 em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. Mobiliza amplas parcelas da sociedade paraense e, cada vez mais se configura como evento expressivo do calendário turístico em âmbito nacional e internacional, acontece no mês de outubro na cidade de Belém. É resultado de todo um processo sócio-histórico, que mostra as teias de interdependência constituídas pela presença da igreja católica na Amazônia, assim como a presença do Estado, do mercado e de amplas parcelas da população local. É a partir da relação de interdependência configurada em relações não raramente conflituosas, que exigem negociações entre vários campos sociais, que o Círio de Nazaré vem se constituindo e se transformando historicamente. Durante o período do Círio a cidade de Belém vive momentos de intensa transformação, resultante de uma multiplicidade de eventos, que tem como eixo central a procissão principal do Círio, uma manifestação com um forte apelo religioso que, como todos os eventos cuja base vem do *catolicismo popular*, tomou dimensões que extrapolam a esfera do sagrado. O sagrado e o profano estão imbricados nas celebrações. "É como se dentro de uma festa religiosa existisse uma profana e vice-versa" (DEL PRIORE, 2000, p.19). O arraial é um lugar que expressa historicamente os muitos processos de tensão e negociação entre o *catolicismo oficial e o catolicismo popular*[2], por ser lócus privilegiado das manifestações profanas do Círio. A lenta transformação desse espaço-tempo da festa ao longo

---

[1] lucilia@uol.com.br

[2] Sobre essa relação entre catolicismo oficial e catolicismo popular ver MAUÉS (1999, p.171) e MATOS (2010).

da história é reveladora das práticas de lazer e dos estilos de vida das diversas classes sociais que ao longo das mais de dois séculos se fizeram presente no arraial.

O principal objetivo desse artigo é analisar alguns processos de transformações ocorridos no arraial de Nazaré com destaque para as ocorrências a partir da década de 1980, quando há um gradativo esvaziamento do sentido de arraial pela refuncionalização de um lugar público transformando-o em praça "sacralizada" e da transferência das atividades lúdicas públicas para espaço pertencente à igreja que mais recentemente sofreu novas intervenções tendo o turismo religioso como um dos principais objetivos.

A pesquisa na qual resultou as análises contidas nesse artigo faz parte de um esforço maior presente na tese de doutorado na qual tivemos como objetivo analisar os mecanismos de ordem econômica, política e cultural da experiência contemporânea presentes no processo de modernização de longa duração das práticas lúdico-religioso-festivas que passam a ser incorporados pelos vários grupos organizadores (igreja, Estado, empresários, artesãos, produtores culturais) no Círio de Nazaré, assim como os mecanismos que os impulsionam a construírem e/ou ressignificarem os símbolos, práticas, espaços e temporalidades segundo uma economia lúdica da fé, ou seja, que tem na audiência ativada pela fé conferida à santa padroeira, Nossa Senhora de Nazaré, aliada às possibilidades de vivências lúdicas, o eixo dinamizador de um processo que mobiliza milhares de pessoas a virem à cidade participar de inúmeras atividades e consumir imagens e produtos, gerando consequente retorno financeiro para os negócios que passam a girar em torno da festa; além da legitimação social conquistada pela circulação de outro tipo de moeda: prestígio e reconhecimento, tanto para os organizadores, patrocinadores e apoiadores, quanto para aqueles participantes em geral e turistas.

Para podermos entender essas dinâmicas que vem se processando no Círio e, no caso específico desse artigo, no Arraial de Nazaré desenvolvemos uma pesquisa de campo através da observação direta e participante. Participamos do Círio no ano de 2007 e 2008, observando, a partir de olhar disciplinado pelas Ciências Sociais, os diversos eventos e lugares festivos do Círio. Realizamos algumas entrevistas previamente estruturadas, mas também não estruturadas, ou abertas. Levantamos matérias jornalísticas sobre o Círio. Fizemos uma ampla revisão da literatura sobre o Círio de Nazaré e temáticas atinentes a tese.

Do largo de Nazaré ao centro Arquitetônico de Nazaré (CAN): intervenções para práticas lícitas de lazer

Podemos dizer que o Arraial de Nazaré, em perspectivas diferenciadas, existe mesmo antes do processo de institucionalização do Círio de Nazaré pelo Estado e pela igreja em 1793. Até 1981 o arraial funcionou em frente a atual Basílica de Nazaré, no então chamado largo de Nazaré – Praça Justo Chermont –, que nos últimos anos passou a ser chamada de praça-santuário. Lugar que congregou e aliou por muitos anos a feira de produtos agrícolas e vivências lúdicas variadas (dança, música, jogos, feira de produtos regionais, comércio ambulante em geral etc.); a partir de meados do século XIX experimentou as mudanças de uma cidade que, entre outros fatores, viveu um período de crescimento econômico impulsionado pela larga produção, extração e comercialização internacional do látex e passou a sentir os ares vindos de Paris, da Inglaterra e dos EUA, período no qual era criada "uma indústria e uma cultura popular do divertimento citadino" (CORBIN, 2001, p.7); foi palco para a criação e ascensão do que passou a ser conhecido como "Teatro Nazareno" (SALLES, 1994) e foi palco também das muitas manifestações lúdicas populares da região; na década de 1940 e 1950 recebeu inúmeros cantores e comediantes brasileiros famosos nos teatros localizados em seus arredores. Ao longo de sua história o arraial passou por inúmeras intervenções por parte da diretoria da festa[3] e das autoridades eclesiásticas (proibição da realização da festa, dos chamados jogos de azar, dos

[3] A Diretoria da festa é uma instituição que foi criada em 1910 a partir de um processo de tensão gerado pela hierarquia da igreja e pelos componentes da antiga Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré. A diretoria da festa é quem organiza o Círio até os dias atuais**.** É composta apenas por católicos do sexo masculino que, em geral, são pessoas que têm algum grau de influência junto a algumas instâncias políticas e/ou econômicas da região.

teatros, de brinquedos, de bebidas alcoólicas, de determinadas músicas, programações artísticas etc.)[4], preocupados em organizar esse espaço segundo as concepções religiosas e morais vigentes.

Segundo Alves (1980), que analisou o Círio no final da década de 1970, o arraial nesse período ainda se caracterizava como uma "grande feira comunitária no próprio sentido que se diferencia da sociedade que está lá fora", lugar de encontro entre os presentes onde se podia passar "do sagrado ao profano, da ordem à desordem, do formal ao informal, da estrutura à 'communitas', do puro ao impuro", onde os contatos se davam face-a-face na recriação dos laços comunitários perdidos na sociedade (ALVES 1980, p.87).

A década de 1980 foi um período decisivo nas intervenções em diversas festividades populares, inclusive no próprio Círio. As interferências, em geral, eram realizadas na perspectiva de dar maior visibilidade a esses eventos com o objetivo de torná-los atrativos e, com isso, fazer atrativa a própria cidade aos turistas e aos empreendimentos que deles necessitavam para se estabelecer. Não é outro o sentido dos investimentos que ocorreram a partir desse período na construção de bumbódromos, sambódromos, forródromos etc. Com o fortalecimento do turismo religioso, muitas cidades passaram a se estruturar como cenários para essa vivência. É o caso, por exemplo, da Nova Trento em Santa Catarina, a Cidade de Aparecida em São Paulo, entre várias outras. Estas cidades vivem, em grande medida, de um mercado gerado por uma economia lúdica da fé. No caso do Círio tivemos a construção do Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN) em 1982 e a transferência do arraial para uma área lateral de propriedade da igreja que, entre outros imóveis, demoliu o antigo cinema Moderno (desativado há muitos anos) na intenção de abrir espaço para a construção de outros equipamentos e para a implantação do Arraial nesse terreno.

O CAN foi pensado, projetado e construído com base nas seguintes justificativas: de evitar que a Basílica de Nazaré fosse sufocada pelos prédios que surgiam ao seu redor, de criar uma praça como uma espécie de prolongamento da basílica adequada para receber os fiéis que chegam acompanhando a Procissão Principal do Círio, de criar um ambiente mais higiênico e mais seguro para ser freqüentado pelas famílias[5]. O processo de construção do CAN gerou muitas polêmicas. Parte delas foi divulgada na imprensa escrita[6]. Apesar das polêmicas, o projeto do CAN e a transferência do arraial para o terreno lateral à praça foram viabilizados.

Dentre os diversos aspectos que fizeram parte desta polêmica, gostaríamos de destacar dois deles: o primeiro diz respeito à velha retórica da higiene, usada historicamente como mecanismo para dar novos usos aos espaços públicos nos processos de reforma dos espaços urbanos e intervenção nas formas de organização e práticas populares; o segundo refere-se ao sentido de transformação da praça pública na redefinição urbana de seus usos.

Sobre a ênfase dada à questão da higiene pública não temos como deixar de relacioná-la à concepção de reforma urbana presente em algumas cidades do Brasil no início da

---

[4] Em 1878 e 1879 houve intervenção por parte da igreja na tentativa de por fim ao arraial, em 1926 no sentido de coibir práticas "indecorosas e imorais" como os jogos de azar, o teatro e o cinema, a partir da justificativa de que tais atividades não coadunavam com os dogmas da igreja. Em vários anos tentou-se proibir jogos: 1867, 1936, 1961 e bebidas alcoólicas: 1961, (proibida durante o período das duas procissões principais) e 1975 (proibida a venda de bebidas com alto teor alcoólico no arraial) (IPHAN/MINC, 2004).

[5] Aspectos mencionados em matérias jornalísticas desse período. Entre as quais: 1) Conjunto Arquitetônico. Ápio de Campos. O Liberal, segunda-feira, 4 out. 1982. 2) Último arraial no largo entra na fase dos detalhes finais. A Província do Pará. Belém, quinta feira, 24 set. 1981; Arraial começa a desaparecer para iniciarem obras na praça. O Liberal, Belém, quinta feira, 5 de nov. de 1981; 3) A praça da oração. O Liberal, Belém, domingo, 10 out. 1982.

[6] Aspectos levantados a partir de matérias jornalísticas da época: 1): O LIBERAL. Uma praça mais rica e bela ou o fim de uma festa popular? Belém, 11 abr. 1982. 2) A PROVÍNCIA DO PARÁ. Um absurdo a mais na terra dos absurdos, Belém, 27 nov. 1982. VOZ DE NAZARÉ. Padre defende praça gradeada de Nazaré, Belém, 11 abr. 1982.

República[7] e que teve como exemplo a visão sanitarista francesa desenvolvida por Haussmann, em que o processo de reforma urbana estava sedimentado em uma visão que extrapolava a dimensão propriamente sanitária, estabelecendo-se como sinônimo de processos autoritários, inclusive com remoção da população mais pobre dos centros da cidade. O centro desta concepção tinha como alicerce a visão organicista que utiliza a imagem do corpo como metáfora da cidade. As ruas e avenidas largas facilitavam o fluxo das pessoas, e nessa perspectiva são comparadas às artérias. O corpo para ser saudável precisa ter as artérias desobstruídas. A cidade para ser saudável, crescer, se desenvolver e ser bela, deveria estar livre dos entulhos sociais. Nessa perspectiva o projeto desenvolvido representou muito mais do que grandes mudanças arquitetônicas na paisagem das cidades, representou a cena política de uma paisagem da modernidade. Mais do que uma obra de engenharia sanitária, uma operação de segregação social que limitava o livre fluxo das pessoas (LEITE, 2004).

No caso da praça pública, lugar onde por séculos aconteceu o arraial, a diretoria da festa, com aquiescência do poder público, pôs abaixo os equipamentos urbanísticos e paisagísticos existentes ali, como que para apagar da memória coletiva as práticas consideradas profanas, tão combatidas pela igreja ao longo da história, e construir uma praça que pudesse ser a continuidade da basílica, interferindo, em alguma medida, no comportamento dos freqüentadores desse lugar. E como o arraial representava um forte apelo popular e, ao mesmo tempo, era um instrumento de retorno simbólico e material importante para os seus projetos, foi totalmente "repaginado" nas suas atividades e segregado em terreno privado da igreja em sua lateral, o que possibilitou em alguma medida, certa governabilidade por parte da diretoria da festa sobre o que poderia ou não ocorrer no seu interior.

A construção e as ações implementadas na praça onde ocorria o arraial seguem o já referido manifesto da diretoria da festa de 1974 que se propunha a "racionalizar" a festa, dando-lhe uma "nova ordem" a fim de cuidar de seus aspectos educacionais, turísticos e de lazer. (ALVES, 1980, p. 78). Mais especificamente, a partir da década de 1980, a diretoria da festa estimulada pela vinda do Papa João Paulo II em Belém e pelos caminhos que tomam a igreja mundial, busca criar condições para que a basílica seja reconhecida e elevada oficialmente à categoria de Basílica Santuário, o que ocorre somente em 2006 quando novas intervenções são efetuadas.

A princípio, após a inauguração do CAN em 1982 e a transferência do antigo arraial, a diretoria da festa, além de usar o espaço do CAN para missas campais e exposição da imagem da Santa à visitação dos devotos durante o Círio e durante outros grandes eventos religiosos da basílica, passou também a organizar na concha acústica com apoio dos órgãos de cultura do governo do estado do Pará e da prefeitura municipal de Belém, durante a quinzena festiva, uma série de shows para a apresentação do que a diretoria da festa chamou, no documento/manifesto de 1974 de "cultura paraense": shows musicais de artistas regionais, concertos e corais organizados pela Fundação Carlos Gomes e pela Escola de Música da Universidade Federal do Pará e shows de alguns grupos de música e dança folclóricas da região.

Uma das principais justificativas dos responsáveis pela reforma para por fim ao arraial da praça pública em 1982 era o entendimento de que as práticas populares, assim como a aparência física do lugar expressavam "aspecto provinciano e pouco higiênico". Nesse sentido ele precisava ser reformado para voltar a ser um espaço com as chamadas "características tradicionais", como "lugar da família e da moral cristã". Nessa perspectiva, as grades passaram a dar certo caráter privado a esse lugar público como uma forma de tentar modelar o comportamento em seu interior e passou a ser administrado pela diretoria da festa. O processo de revitalização da praça pública através da construção de novos elementos arquitetônicos e paisagísticos visava criar condições para que uma nova tradição fosse legitimada pelos novos usos que os organizadores do Círio desejavam imprimir neste espaço, aspecto que, até certo

[7] Ver MATOS, 2010, p. 69 - 95.

ponto, foi conquistado. Os eventos constantes durante o Círio encarregaram-se de estabelecer essa lógica, a princípio num formato de valorização das expressões lúdico-artísticas da região (shows na concha acústica de música popular e danças folclóricas). A partir da década de 1990 com o crescente mercado de músicas católicas no Brasil a diretoria da festa deu inicio à organização do Festival da Canção Mariana e, mais recentemente, em 2005, ao Círio Musical com apresentação dos famosos padres cantores e grupos (bandas) de músicos católicos. A partir de então, os shows na concha acústica da praça santuário são, se não em sua totalidade, próximo disso, de músicas vinculadas à religião católica.

As estratégias e táticas na constituição do arraial como espaço público

Podemos dizer que muitas das praticas presentes na cidade de uma maneira geral, e no arraial especificamente, nos remete a perspectiva trazidas por Certeau (1994) quando este autor faz distinção entre estratégias e táticas. Para o autor, as estratégias são instituições e suas ações; estas são reconhecidas como autoridade e são constituídas em campos próprios. Possuem status de ordem dominante ou podem ser sancionadas por forças dominantes. Elas se manifestam materialmente em tipos específicos de edificações e em ações que imprimem características a estes lugares e no que é produzido (as leis, linguagens, rituais, produtos comerciais, artes, invenções) como próprio "do lugar do poder e do querer próprios" se resguardando do "poder invisível dos outros". O objetivo da estratégia é se perpetuar através das coisas que ela produz, de modo que cálculo e eficiência tornaram-se condições fundamentais para a estratégia. Uma estratégia interessa-se pela constituição de práticas homogêneas, uniformes, a fim de controlar e incluir cada vez mais pessoas na sua forma de visão. As práticas são vistas como objetos; estes devem ser observados, medidos e controlados como algo exterior, como o outro a ser ordenado. Por tática entende uma ação calculada, mas que, no entanto, não possui lugar próprio e tampouco domínio do tempo, "são artes de fazer". O modelo tático do autor revela os indivíduos e grupos que estão dispersos, fragmentados nos espaços, eles não possuem uma base em termos de lugar, no entanto, a partir de uma dada necessidade, se reagrupam para respondê-la. Ela é fonte de improvisação, é flexível, ágil, ela ocupa os espaços deixados entreabertos pelo sistema, no entanto, o seu objetivo não é o domínio. Tem clareza de seu status de fraco, de sua falta de estrutura e, nesse sentido, ela se expressa na transformação das coisas que foram criadas de modo que estas passem a serem suas. A ação tática é quase invisível, silenciosa, não está presente no produto, mas na forma de usá-lo.

Essa perspectiva evidencia-se quando, ao observarmos o terreno da lateral da praça de propriedade da igreja, que passou abrigar o arraial após a construção do CAN. Vemos que ele transforma-se em praça pública pelas diversificadas formas de uso desses espaços de "sociabilidade pública"[8] (LEITE,2004), o mesmo acontece com o CAN no decorrer do ano: é lugar de namoro, de encontro de estudantes das escolas da proximidade, local de encontro para protestos, passeatas etc. É bem verdade que isto passa a ocorrer com a existência da segurança pública ou privada com olhos mais atentos do que em praças comuns, principalmente em dias de eventos. Porém, os usos desses lugares reformados vão além dos planejados, pois eles tornaram-se públicos através de disputas, muitas vezes veladas, e de práticas de contra usos (LEITE, 2004).

Nas entrevistas realizadas em 2006 e 2007 com as pessoas ligadas à diretoria da festa sobre o arraial foram novamente bastante ressaltados dois aspectos: a dimensão da importância da família e a necessidade de um lazer saudável, lícito, principalmente quando relacionado ao arraial. Em suas falas há sempre um ar saudoso de uma época em que as famílias de maior posse freqüentavam o arraial. Aspectos do passado são selecionados e alguns são destacados em detrimento de outros, criando o que Alves chamou de "retórica do conhecimento". O discurso que

[8] Sociabilidade pública aqui vista como "conjunto de práticas interativas, conflitivas ou não, que se estruturam no curso da vida pública cotidiana". (LEITE, 2004, p.94).

se forja sobre a festa expressa uma ideologia através de signos recorrentes. (ALVES, 1980). Nesse sentido, o arraial é lembrado como um bom lugar do passado onde todas as classes participavam e conviviam em perfeita comunhão, no qual as pessoas iam muito bem vestidas, onde o povo cristão e respeitoso fazia um arraial sadio etc.

> Antigamente o arraial era frequentado pelas famílias, apenas as famílias, só as famílias, a gente não via assalto em torno do arraial, a gente não via jovem bebendo, era todas as famílias, as tradicionais, era um local de lazer da família. [...] Existe um projeto para se colocar em prática logo, de se acabar com a venda de bebidas alcoólicas, o que não deixa de ser um contrassenso, mas tudo bem, quem é que não toma a sua, até o padre toma. Mas a proibição da venda de bebida alcoólica é para evitar o excesso, porque se as pessoas não se excedessem não tinha problema nenhuma beber, os padres bebem, nós bebemos com os padres e ninguém fica de porre. Uma coisa é você tomar cerveja, tomar o vinho numa comemoração, num jantar e a outra é você tomar uma grade de cerveja, dez garrafas de vinho, ai já é diferente. É da forma como as pessoas encaram isso e a gente acredita que a única forma de acabar com isso seria mudar o conceito do lugar como um todo.[9]

É interessante observar que esse tipo de retórica, que faz aflorar um passado praticamente idealizado, esteve presente no Círio em diferentes períodos históricos, e em geral sempre foi acionado quando se desejava fazer algum tipo de intervenção na festa. No entanto, como enfatiza Williams (1969), nem sempre o que pessoas de classe alta projetam para as pessoas comuns é o que elas querem. Para esse autor o sentido de *cultura comum* não deveria ser apenas a transmissão dos valores tidos como superiores, mas o respeito às práticas culturais cotidianas das pessoas comuns.

O trecho da entrevista acima é ilustrativo do que Elias (1994a) chama de "controle das emoções" como resultado de tipos específicos de processos educativos adquiridos durante toda a vida fazendo parte de um processo civilizador de longo prazo. De acordo com o autor, esse controle acaba sendo desenvolvido de maneira mais sistemática nas classes médias e altas do que nas camadas populares. Na realidade, a diretoria da festa, como sua condutora, vive uma grande contradição entre o desejo de tornar a festa cada vez mais numerosa e popular e, ao mesmo tempo, manter o controle total do que ali se passa, principalmente, mas não somente, sobre o que acontece em torno do lugar que se pretende sagrado, a basílica e seu entorno.

Historicamente, a existência do arraial foi muito importante para a igreja, pois por muitos anos, esse foi o principal lugar de onde se tirava proveito econômico para a produção e reprodução da festa. Nos dias atuais, não é mais simplesmente o arraial, mas os vários eventos espetaculares no entrelaçamento entre fé, diversão e consumo que trazem retornos financeiros para reprodução da festa, obras sociais, projetos de evangelização, lucratividade para empresas e comércio informal.

Em 2007 todo um processo de investimento na disciplinarização do uso do espaço ao redor da basílica passou a ser efetivado pela diretoria da festa junto aos órgãos públicos municipais e estaduais. Cada vez mais as práticas desenvolvidas na festa têm o consumo como mediador das relações. É o que expressa em entrevista o diretor de marketing da diretoria da festa, ainda em 2007, ao antecipar o anuncio que viria a ser feito oficialmente em 2008 sobre a nova intervenção programada para 2009 e 2010 no arraial:

> A minha opinião era de se fazer um grande projeto de lazer com esse cunho religioso para que as pessoas pudessem se divertir e ter esse espaço o ano inteiro não somente durante os 15 dias da festa de Nazaré e um pouco mais em novembro. Mas que fosse um parque temático para ficar funcionando o ano inteiro, talvez um *shopping* de compras de produtos religiosos. Hoje qualquer coisa é produto religioso. Hoje, graças a Deus, nós podemos envelopar, nós podemos colocar a Nossa Senhora de Nazaré em qualquer coisa, caneta, camisa, calça, *notebook*, *mouse pad* (...) A Diretoria da festa, de arraial, administra esse espaço, mas ela não tem poder de polícia sobre este espaço. Ela só teria em outras circunstâncias, se a ideia do espaço

[9] Diretor de Marketing da diretoria da festa. Entrevista concedida à autora em 8 de outubro de 2007.

> for completamente diferente. Tipo: derruba tudo e constrói tudo de novo com uma outra linguagem. Assim teríamos mais uma opção de lazer na cidade puxando as pessoas para a igreja.[10]

Em 04 de fevereiro de 2009 a arquidiocese de Belém, a diretoria da festa de Nazaré e a congregação dos padres Barnabitas anunciaram, em coletiva à imprensa, as mudanças que ocorreriam no arraial em 2010, a fim de transformá-lo em um "complexo artístico-cultural" composto por barracas por eles denominadas de tradicionais, vendas de artigos artesanais, exposição de artistas e alguns poucos brinquedos como, por exemplo, o carrossel.

Essa entrevista coletiva mexeu com vários setores da sociedade local e fez com que o Ministério Público Federal convocasse o vigário da basílica de Nazaré para uma audiência, tendo em vista esclarecer a matéria anunciada pelo fato de que o arraial, como um dos elementos integrantes do Círio de Nazaré e reconhecido pelo IPHAN como patrimônio imaterial do Brasil, não poderia ser modificado sem que para isso as instituições responsáveis pela proteção do patrimônio fossem consultadas. Por ocasião da audiência a diretoria da festa argumentou que não se tratava de acabar com o arraial, mas modificá-lo, haja vista que seu atual formato "trazia risco para a saúde da população", causava transtorno para os moradores dos arredores devido ao "barulho, gritaria e confusão", além de "gerar bebedeira, embriaguez, inclusive de menores, confusão, brigas, barulho infernal, utilização de drogas e imundices, o que pode ser confirmado por depoimentos de moradores do entorno da basílica, como também por policiais"[11].

Esse projeto é apenas o início do que a DF tem anunciado para os próximos anos: ao conseguir o terreno do Exército existente nas proximidades da basílica, pretende ampliar a dimensão do complexo mariano e transformar a área em espaço semelhante ao de Aparecida do Norte-SP com área para estacionamento de grandes ônibus de turismo, complexo de restaurantes e lojas, com vendas de *souvenirs*, além de ampliar o atendimento aos peregrinos.

Fazer do Círio de Nazaré, da Basílica Santuário e Praça Santuário um espaço permanente de visitação turística é o grande objetivo da diretoria da festa com apoio dos órgãos governamentais e empresas interessadas no desenvolvimento do setor turístico da região. Nessa perspectiva, a diretoria da festa, com o aval da prefeitura e do governo do estado tem, nos últimos anos, realizado uma série de intervenções no entorno da Basílica, de forma a transformá-lo em um lugar sagrado, mediado pelo mercado de bens e serviços religiosos. Para tanto, os arcos da Av. Nazaré que eram projetados somente para o período do Círio, a partir de 2006 foram construídos em estrutura fixa, podendo a cada evento do calendário das comemorações da Basílica, ser redecorados e iluminados. Além disso, foi inaugurada a loja de *souvenirs* "Lírio Mimoso", a casa de acolhimento ao romeiro "Casa de Plácido", bem como realizada uma significativa reforma da Praça Santuário em 2007 e, no início de 2010, presenciamos a demolição dos bares do arraial e a saída definitiva dos trabalhadores que, há muitos anos, dali tiravam seu sustento.

A nova proposta de uso para o arraial até esse momento anunciada segue o formato de espaço "mix de lazer", lugar para consumir objetos (religiosos e artesanais e comidas típicas da região) e assistir shows de músicas relacionadas com a fé católica. Assumir um projeto como este, de transformar um lugar central da cidade em um espaço de visitação de turistas, de lazer e compras, significa aliar-se a outras instituições, neste caso, com o mercado (turismo, comunicação, informação) que passa a ser o mediador do lugar sagrado, viabilizando junto às empresas e os governos locais as condições materiais, estruturais e financeiras para o sucesso desses empreendimentos, na articulação das agências de viagens, hotelaria, transporte, programações variadas no âmbito do lazer etc.

---

[10] Diretor de Marketing da diretoria da festa. Entrevista concedida à autora em 8 de outubro de 2007.

[11] Parte do texto assinado pelo arcebispo metropolitano dom Orani João Tempesta, pelo padre José Ramos das Mercês, reitor da basílica santuário, pelo padre Raimundo Jacques, pároco da basílica e por Cezar Neves (Coordenador do Círio). Disponível em: <http://noticias.pgr.mpf.gov.br/noticias-do-site/meio-ambiente-e-patrimonio-cultural/reformas-no-arraial-de-nazare-so-serao-feitas-se-aprovadas-pelo-iphan-e-mpf/>. Acesso em: 2 fev. 2010.

Essa concepção nos permite pensar o lugar da devoção, da festa, da vivência das práticas de lazer e diversão como que penetrado pelas forças socioeconômicas e simbólicas hegemônicas. Isso se dá a partir de mecanismos institucionais de constituição de uma economia lúdica da fé relacionada, por sua vez, ao sistema mais amplo de acumulação de capital e às estruturas de comunicação e informação.

No entanto, não podemos deixar de levar em consideração que com a existência de uma cultura de consumo, há uma tendência de se empurrar a cultura para o centro da vida social, por isso se faz necessário estar atento para como os signos e imagens estão sendo usados e quem são os agentes responsáveis por sua produção e disseminação, uma vez que as práticas de consumo são reveladoras também de um desenvolvimento ativo de estilo de vida. E, nesse sentido, alguns bens podem entrar e sair da condição de mercadorias na medida em que se deslocam da produção para o consumo, além de poderem ser consumidas de diversas maneiras: contempladas, desejadas, comentadas, fotografadas ou manipuladas (FEATHERSTONE, 1995, p. 35). Os bens são usados para marcar diferenças sociais e também para transmitir mensagens (BOURDIEU, 2007).

Considerações Finais

A divergência e o conflito animam a dimensão política e a "sociabilidade pública" (LEITE, 2004) presentes ao longo da história no arraial. As lutas, concorrências e tensões são elementos expressivos de uma síntese da sociedade (SIMMEL, 1983). É nesse sentido que se faz importante o encontro de diferentes lugares e sociabilidades, desafiando constantemente as falas e práticas que tentam se impor como monolíticas.

Nessa perspectiva a sociabilidade gerada no arraial é ricamente complexa porque está relacionada tanto com os encontros, interações, com o compartilhar de experiências comuns entre pessoas, quanto pela possibilidade da "afirmação das diferenças através da espacialização das suas relações sociais, construídas a partir das distintas demandas e sentidos de pertencimento e reconhecimento". Essas diferenças não apenas estão espacializadas nesse lugar, elas estão em diálogo permanente "no exercício cotidiano e público da afirmação da alteridade e das relações de poder que reafirmam e contestam desigualdades (LEITE, 2004, p. 318).

Referências

ALVES, Isidoro Maria da Silva. O carnaval devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém.** Petrópolis: Vozes, 1980

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: RS Zouk, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORBIN, Alain. **A história dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

IPHAN/MINC. **Dossiê Círio de Nazaré**. v.1, 2. Rio de Janeiro: Iphan/MinC, 2004.

LEITE, Rogério Proença**. Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Unicamp; Aracaju: EDUFS, 2004.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em Festa:a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra "invenção" da Amazônia**. Religião, história, identidade. Belém: Cejup, 1999.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. t. 1, 2.
SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade, 1780-1950**. São Paulo: Nacional, 1969.